



SITUAÇÃO DELICADA

Mais um fato estranho aconteceu numa de minhas viagens à Dourados, no Brasil. Sempre que tenho oportunidade gosto de visitar meu amigo nesta cidade, ainda tipicamente agrícola com um clima muito interessante, principalmente na época do verão. Nem se compara a nossa fria Moscou.

A história que vou narrar abaixo foi dita por um amigo do amigo de meu amigo e já fazem aproximadamente três anos que aconteceu. Parece ser uma invenção, mas tive o prazer de conhecer os dois amigos e me pareceram pessoas descentes que não criariam uma história assim do nada. E por falar em corrupção eu imaginava – pelo que a mídia sempre diz – que policial corrupto só havia na Rússia, mas eu estava enganado, na cidade de Dourados também tem.

Bem, foi assim que aconteceu:

“José estava em uma festa de amigos, amigos da faculdade, da faculdade de administração de empresas, que cursava com muito gosto e que era assíduo, sempre estava presentes às aulas nunca faltando ou deixando de ir as mesmas por algum motivo. José tinha grandes planos para quando se formasse e já estava fazendo estágio em uma grande empresa da região de Dourados. Suas notas eram muito boas e servia em alguns casos de exemplos para os demais colegas, principalmente para aqueles que como ele buscava superar as dificuldades e vencer na vida. José se dava bem como todo mundo e sua classe constantemente fazia alguma festinha nos finais de semana, sempre existindo algum motivo para ser comemorado: o aniversário de alguém, finais de provas, alguma conquista do grupo, enfim, sempre havia motivo. José tinha uma vida bem corrida, residia em Caarapó e trabalhava e estudava em Dourados, fazia o trajeto entre as cidades todos os dias com sua motocicleta Titan CG150 cinza prata, adquirida em consórcio. Um consórcio de trinta e seis vezes que ainda não havia terminado, mas a motocicleta tinha sido conquista de um sorteio e ainda bem, dava a José mais liberdade para conciliar sua agenda. O salário que ganhava ainda não era o que José esperava ou desejava, mas estava dando para pagar suas contas e ainda conseguia, a duras penas, sempre guardar um pouquinho para o futuro. José era muito econômico – caráter este adquirido de seu pai que sempre soube viver com pouco - e quando interpelado pelos amigos para gastar mais do que podia se saía dizendo que não sabia o que poderia acontecer no dia de amanhã e suas economias poderiam ajudá-lo na conquista de algum sonho. Estava certo.

“Então, estavam na festa que aconteceu em 13 de maio de 2006, e que comemoravam o aniversário do amigo Afonso, que era dois anos mais velho que José, ali nos arredores da Unigran, numa destas muitas repúblicas que existem, e onde os moradores podem tudo. Por volta das duas horas da manhã, José achou que estava na hora de retornar para Caarapó, pois quando amanhecesse deveria estudar para as provas que se iniciavam na segunda-feira, e claro ele não podia desiludir sua turma, tinha que manter sua fama de CDF, mas ao sair da república constatou que sua motocicleta havia evaporado – como se diz por aí – ou seja, já não estava no local onde o mesmo havia deixado. Por um instante José acreditou se tratar de alguma brincadeira sem graça dos amigos, afinal viviam fazendo isto ou aquilo com os outros e nunca se sabia quando era



verdade ou quando era brincadeira. Neste momento algumas beldades, amigas da turma passaram por ele e ainda brincaram: - O que aconteceu José? Onde está nossa motona? – Comentou uma loirinha, já um pouco elevada, que devia ter cerca de dezenove anos e com aquele corpinho de... deixa pra lá. José abaixou a cabeça e retornou para dentro da república para discutir o acontecido com seus amigos, num misto de fúria e desanimo.

“Infelizmente o pior havia acontecido e a motocicleta realmente havia desaparecido e não por alguma brincadeira de seus amigos, mas muito provavelmente pela constante onda de roubos que assolam a cidade douradense, mas como havia acontecido, com todos por ali? E por que sua moto, quando haviam várias motocicletas e tantos carros também? Pois muitos de seus amigos tinham uma situação muito mais privilegiada que ele. O jeito foi ir até o posto policial que fica na região central da cidade, na Rua Nelson de Araújo com a Marcelino Pires, para oficializarem a queixa.

“A semana seguinte foi muito difícil para José, as provas se acumulavam e não podia parar de estudar afinal era agora que precisava tirar boas notas para não ficar tudo para o final, e isto sempre foi o que fez. Talvez um pouco de sua fama venha desta tática, fazer logo o que tem que ser feito para não se tornar impossível no final. Agora ficava na casa de amigos em Dourados, pois não conseguia se deslocar de ônibus entre as duas cidades após o horário de trabalho e retornar à faculdade. Era impossível fazer isto todos os dias. Então decidiu ficar com Cristiano por algum tempo até decidir o que fazer e também até tirar o acontecimento do último final de semana da cabeça, que ainda o ‘martelava constantemente’. Além de tudo isto ainda tinha suas tarefas na empresa onde estagiava e queria que tudo saísse bem afinal queria ser efetivado e galgar lugares na hierarquia, comprar uma casa em Dourados e fazer nome.

“José ainda tinha que encontrar tempo para marcar um jantar com Elizabeth, menina doce que cursava a faculdade de Psicologia e tinha se interessado por ele. Tiveram alguns olhares marotos nos últimos meses e alguns bate-papos, mas nada de sério, mas parecia que ela havia se encantado com José e queria ter a oportunidade de se conhecerem melhor, talvez muito motivada pelo que sua amiga Ana – que estudava com José - falava sobre ele. José ainda não se sentia capaz de ter um envolvimento sério e se não fosse algo firme preferia nem dar esperanças, afinal isto só tomava tempo e não conduzia a nada de saudável. Pra ele o mundo estava perdido.

“Quando terminou a semana de provas, tanto para um quanto para o outro, decidiram marcar um jantar no Guaporé, afinal seria um ambiente romântico e também razoavelmente barato, haja vista que a noite mulher acompanhada não paga, e a comida de muito boa qualidade. Assim, numa sexta-feira após as provas saíram juntos da faculdade e foram para o restaurante. Pediram um vinho, apesar de não tomarem frequentemente, mas entendiam que seria o ideal para o momento. Após servirem-se tomaram mais alguns goles de vinho e jogaram bastante conversa fora e também sorriram bastante com histórias que contaram um para o outro, desde a infância e sobre algumas gafes em que se envolveram. A hora já estava avançada. Chamaram o garçom, pagaram a conta (José pagou) e foram embora. Elizabeth, que estava com seu carro, rumou em direção à casa de Cristiano, onde José estava hospedado. No caminho ela puxou conversa sobre o roubo de sua moto.

- Como tudo aconteceu José? Ninguém viu? – perguntou ela.

- Não, ninguém. Parece que esses caras quando querem roubar, roubam e ninguém consegue ver. – respondeu José. – Tinha muitas motos ali e tantos carros também e justamente a minha que ainda nem é minha direito, afinal continuo pagando o



consórcio. E aquele lugar é tão claro, com gente passando a todo o momento. Ninguém viu. É muita sacanagem.

- Eu sei José, uma vez também levaram uma moto que eu tinha, mais ou menos da mesma forma que aconteceu contigo e sei a sensação terrível que passei. Parece que o chão desaparece e não sabemos o que fazer, é tudo tão estranho. Leva muito tempo para nos recompormos. Mas percebo que já está tudo bem, ou não?

- Quanto a questão do roubo já. Já coloquei em minha cabeça que tenho que continuar batalhando e conseguir outra, pois esta já perdi as esperanças. Mas o que me deixa indignado foi a forma que fui tratado no posto policial onde registrei queixa. Eles atendem a gente como se fosse obrigação e não um trabalho ao qual são pagos para fazerem. O policial que estava lá, se posso chamar aquilo de policial, não tirava os olhos de um filme antigo que passava na televisão, a escrivadinha parecia ter passado um tufão de tanto papel, uma desorganização total. Fico imaginando como pode alguém trabalhar num lugar daqueles.

- Existem muitos assim. – concluiu Elizabeth.

- Quando chegamos lá, o Cristiano, o Afonso e o Cleber foram comigo, o cara foi dizendo ‘diga logo o que você quer que estou muito atarefado’. Parecia mesmo, assistindo aquele filme nojento. Mas fiquei na minha e falei o que podia para fazer então o registro. Quando ele me entregou uma via do boletim de ocorrência ainda ironizou dizendo: ‘não esquenta muleque, sua moto já deve estar em alguma loja de peças por aí...’.

- Já senti algo parecido também José. É nojento isto e parece que além de pagarmos os salários destes profissionais somos nós que temos que pedir por favor. Acho que é o problema da farda. Meu pai, José, sempre dizia para meu irmão escolher a profissão que quisesse, mas se ele fosse policial nunca mais era para cumprimentá-lo. – Revelou Elizabeth.

- Sou uma pessoa muito calma, mas naquele momento fiquei alterado, deu vontade de partir pra cima daquele cara, mas sei que seria pior, ainda teria que responder por desacato a autoridade. Bela autoridade, não acha?

- Bela autoridade, esta é boa José.

- Ainda bem que o Cleber me segurou e me aconselhou a ficar quieto.

- Nestas horas é bom ter um amigo “maçudo”. – Disse Elizabeth rindo.

“José olhou para ela e também caiu na gargalhada.

Meia-hora depois Elizabeth estacionou em frente à casa de Cristiano, despediram-se felizes pois a noite havia sido muito boa e a terminaram com um beijo caloroso.

“No final de semana seguinte, José foi para Caarapó visitar seus pais, pois já tinha quinze dias que não os via, e a distancia de Dourados a Caarapó é muito pequena para ter uma eternidade destas entre pais e filhos, ao menos é isto que os pais sempre pensam. Para os filhos, principalmente os homens, isto não tem tanta importância assim, afinal sempre estão envolvidos com alguma coisa, mas as filhas são mais ligadas à família. Neste caso, José era muito ligado ao seu pai e eram verdadeiros amigos, então quando podia, sempre dava um jeitinho para sumir lá pelos lados de Caarapó. Mas desta vez sua família ficou ainda mais feliz, pois José levou consigo Elizabeth (ou foi Elizabeth que levou José, afinal ela que tinha o carro...). Foi uma felicidade só, chegaram no sábado, bem cedinho, e depois das apresentações, aproveitaram para tomar um café tipicamente caipira. Depois José foi apresentar o sítio para Elizabeth, era um pequeno pedaço de terra onde seu pai plantava mandioca, um pouco de soja,



criava algumas vaquinhas para tirar leite, alguns porcos, tinha também galinhas que sempre estavam soltas pelos arredores da casa as quais o ventania, o cachorro do seu Itubaldo, seu pai, não as deixava em paz. Elizabeth gostou de algumas árvores que tinha no fundo do sítio, era um lugar muito bem conservado com vários tipos de árvores e arbustos, aparentemente muito bem cuidados e mais adiante um riacho, onde José disse que mantinha alguns peixes para eventuais pescarias. Ele e seu Itubaldo sempre deciam escondidos de D. Marialva para uma pescaria. Sabiam que ela não gostava que ficassem muito no riacho, mas quando eles voltavam com peixes grandes, principalmente Pacu e Tilápias ela se desmanchava em sorrisos, pois sabia que os dois não se contentavam até limparem os frutos da pescaria e colocarem na fogueira no fundo da casa, debaixo dos pés de Ipês que tinham lá. Ela tinha apenas que se responsabilizar pelo arroz branco o resto ficava na responsabilidade dos dois e aí dela se meter a mexer nos peixes.

“Quando Elizabeth chegou mais perto e viu o riacho ficou encantada com a beleza do lugar, tanta era a limpeza e organização que ali havia. José disse então que iria ensinar ela a pescar um grande Pacu para fazerem a noite na fogueira. Ela ficou ainda mais feliz com a idéia e o abraçou quase que de impulso. Foi o bastante para trocaram alguns beijos acalorados. Neste momento o celular de José tocou, resistiu um pouco, mas decidiu atender, era seu primo Otacílio, que tinha um lava-rápido em Dourados.

- Oh José tá bom meu caro? – Falou rapidamente Otacílio, num sotaque interiorano.

- Claro Otacílio, o que foi? Me ligando uma hora dessas?

- Onde você tá, preciso que você venha aqui agora.

- Cara, eu estou em casa com a Elizabeth, o que foi?

- Vem pra cá, acho que encontrei sua moto.

Naquele momento um frio percorreu José, não sabia definir o que era, mas olhou fixamente para Elizabeth e desligou o celular imediatamente.

É parece que não é somente na Rússia, não é meus caros? Mas vamos continuar com nosso pequeno relato.

“Cerca de uma hora depois estavam no lava-rápido do Otacílio, gastaram mais tempo atravessando a cidade do que no trajeto de Caarapó a Dourados. Quando chegaram Otacílio os levou para o escritório e contou para eles o que acontecia. Otacílio disse que um certo sujeito tinha ido até seu lava-rápido logo de manhã pedindo para lavar uma moto e depois retornaria para buscá-la. Quando o sujeito de maneiras estranhas foi embora Otacílio ficou encucado com aquilo e decidiu observar melhor a motocicleta para não ver se era roubada. Claro, Otacílio não gostava de confusão e não permitia que seus funcionários se envolvessem em coisas erradas. Se sua suspeita estivesse certa ele não lavaria a moto e assim que o cara voltasse ia dizer para ele levar a moto embora. Mas ele verificou com cuidado a Titan que se encontrava ali e teve certeza que era a moto de seu primo que havia sido roubada pouco tempo antes. José pediu para ele mostrar logo a moto, não agüentava mais o suspense. – Vamos lá então, coloquei ela aqui nos fundos.

“Suas pernas tremeram quando viu a motocicleta, apesar de estar bem suja e com alguns estragos não teve dúvidas, era realmente sua moto, mas preferiu conferir com cautela antes de afirmar qualquer coisa. Conferiu tudo... chassi... tudo. Era ela. Agora tinha certeza. Decidiram esperar o tal cara voltar.



“Quando o cara retornou, com ar de superior, para buscar a motocicleta e viu que a mesma ainda não estava lavada ficou irritado e foi tirar satisfação com o Sr. Otacílio em seu escritório, mas encontrou lá dentro José e também Elizabeth que fecharam a porta e o questionaram sobre a propriedade da moto. Depois de muita conversa e desaforos o tal sujeito tirou uma carteira do bolso e mostrou todo sorridente para eles, dizendo: - Vocês estão falando com um policial, cuidado com o tom de voz mocinha. – Disse todo confiante.

- Você é um policial e o que está fazendo com minha moto? – Perguntou agressivamente José.

- Quem disse que esta moto é sua?

- Eu tenho os documentos. Aqui estão. Pode conferir.

“O tal sujeito deu uma olhada sobre os documentos que José o apresentava e fez cara de nojo.

- Mas o que isso prova. Esta moto foi roubada a cerca de um mês e não tem mais dono.

– Retrucou o tal sujeito.

- Deixe-me ver sua carteira novamente. – Falou Otacílio.

“O sujeito mostrou novamente a carteira então para eles e Otacílio confirmou que era de verdade”. Também aproveitou para verificar o nome do sujeito. Aloísio. Que sacana.

“Tempo depois, e vendo que a conversa não chegaria num resultado satisfatório para eles, decidiram ligar para a Polícia Civil, aquela mesma ali na Rua Cuiabá, onde nos finais de semana se instala a feira livre. Depois de algum tempo e mais alguns bate-bocas foram para a delegacia. Lá chegando foram atendidos pelo delegado de plantão o Sr. Virginio, homem de enorme bigode, com cabelo desfeito e uma visível barriga, devia ter seus cinqüenta anos. Na sala também havia um outro cara, mal humorado e que usava aqueles coletes pretos escritos “Polícia Civil” nas costas – para intimidar.

- Vão falando, o que houve e porque tanta gente? – Disse asperamente o delegado.

“Então José, meio sem voz, disse o que estava acontecendo ao delegado e pediu soluções. O delegado, firme em seu posto autoritário olhou fixamente para José, depois para os demais que ali estavam, refletiu um pouco e soltou: - Filho, não sei porque veio até aqui, qual a coragem que o motivou a vir nos trazer seus problemas, talvez esta moça linda que está ao seu lado ou talvez algum ato imbecil, mas já que está aqui é melhor baixar a bola e ficar quietinho. Veja bem! Sua motocicleta ficou na delegacia por semanas e ninguém veio retirar ou dar queixa da mesma, então os policiais estão usando. Isto não é crime. É normal.

- Mas, eu registrei queixa por ocasião do roubo no posto policial da Nelson de Araújo.

- Esqueça, filho. Esqueça. Escute só o que lhe digo e nada mais.

“José engoliu em seco, mas se conteve.

“Então continuou o exemplar delegado: - Pegue sua moto e desapareça, fique bem quietinho e nada vai lhe acontecer.

- Quem vai pagar pelos prejuízos?

- Filho! Não esquentar com isso, você recuperou sua moto não? Então vai e fique de bico fechado. Nós sabemos quem você é.

“José levantou-se da cadeira em que se encontrava e virou-se sem ao menos estender a mão ao delegado e saiu da sala, sua namorada e seu primo o acompanharam, quando ouviu o delegado ainda dizer para ele: - Bico calado, filho. Sabemos onde mora e tudo sobre sua família. Bico calado.



José não sabia o que fazer, se ria por ter recuperado sua moto, importante meio de locomoção para ele e que agora se encontrava com alguns problemas e teria de gastar para arrumar, ou se chorava de raiva daquele povo, os tais defensores da lei e da ordem. Que exemplo. Realmente não sabia o que fazer. Ficou alguns minutos em pé na porta da delegacia até que Elizabeth lhe disse que precisavam ir, continuar a vida, quando ele disse: - Burro, fui burro, devia ter gravado a conversa com esses caras e depois arrumar um advogado de caráter para não deixar isto em branco. Mas, aí é que fico preocupado, onde achar um advogado que vai fazer isto, se nem na própria polícia podemos confiar e vocês ouviram ele me ameaçar e a minha família, não?

- Ouvimos, deixe pra lá. “O deles” vai chegar. – Disse Otacílio.

- Tenho plena certeza disso – confirmou Elizabeth – vamos.

“Saíram abraçados dali”.

Pois é, o amigo de meu amigo me contou esta história e disse que é verdade. Então se realmente é verdade não é só na Rússia que temos policiais corruptos. Não é?

(Baseado em fatos reais. Os nomes e localidades foram alterados para preservar a identidade dos cidadãos reais).

Iuri Kosvalinsky

01.04.2009